

MASTURBAÇÃO

MENTAL

coiote ensaia sobre póspornô

A pornografia seria não mais que a inscrição do pornô em diversas plataformas de comunicação como jornais, revistas e meios audiovisuais. Através destas inscrições o pornô seria a ferramenta principal de nossa educação sexual. Seria através da pornografia que a cultura hegemônica encontra o campo para formalizar o que seria uma "vida sexual sadia" que se faz com corpos brancos, magros, heterossexuais e com alto nível performativo. A pornografia é ainda hoje a base de construção de nossas sexualidades, sendo essa a primeira ferramenta a ser acessada por corpos em desenvolvimento e formação quando se trata da sexualidade, uma vez que a moral cristã abjetifica nossa sexualidade e nos proíbe falar sobre o sexo e suas diversas nuances, cabendo à pornografia cristalizar o que se entende por ato sexual na modernidade.



Mas, sendo a pornografia somente a inscrição do pornô em nossa formação, o que seria o pornô em si? Com o advento das filosofias pós-estruturalistas podemos separar a inscrição do ato. A partir de então encontraríamos o ato pornô, o pornô como um ato regido por códigos formais. A partir da percepção de seus códigos e da reprodução destes códigos em nossas plataformas vivências - ou seja, o pornô convencional dirigindo nossas vivências sexuadas - surge o pós-porno, movimento que insere o pornô como objeto de estudo e campo de pesquisa e parte então para a abertura de seus códigos. Quais seriam então, os códigos que identificam o pornô? O que seria necessário para se chegar ao pornô?

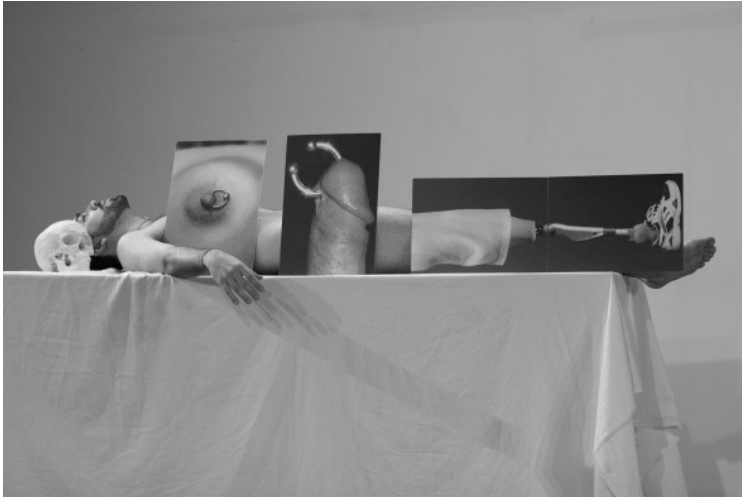


Anatomia de uma PinUp por Annie Sprinkle

Sugiro pensar o pornô na base de cinco códigos principais:

- 1 - O corpo e seus desejos sexuais
- 2 - A genitália e seu uso
- 3 - A nudez e sua objetificação
- 4 - As relações de sexuação
- 5 - As relações sexo-afetivas

Através de nosso corpo, o pornô vem inscrever sobre nós os códigos fechados da hegemonia sobre desejo sexual, quais são os usos corretos e incorretos de nossas genitálias, os momentos adequados para a nudez, como devem acontecer as relações sexuais e entre quais corpos e como será construído nossos



Peça Manifesto Ciborgue com o ator Leonardo Corajo

afetos sexuais. Desejos heteros, uso biologizante de nossas genitálias, nudez moralizada, relações opressoras de sexuação e relações sexo-afetivas abusivas. Assim se faz o pornô em nossas existências.

Porém, pensando a abertura destes códigos pelos estudos e práticas

pós-porno, assim como hackers que descobrem códigos abertos em sistemas hegemônicos, podemos a partir daí o invadir, corromper e piratear os códigos do pornô convencional. Uma vez que este está como a escola de nossa sexuação, também estão xs que matam aula e no pátio da vida constroem a própria ficção científica que guiará seus desejos. Através destes códigos abertos, retiramos o pornô da tela e a sexuação da cama, evadimos os quartos e ocupamos as ruas com as novas possibilidades de códigos pirateados pelo pós-porno que podem ser:

- 1 - O corpo e suas extensões sexuais, sexualizadas e sexualizantes.
- 2 - As investigações, possibilidades, inflexões e substituições das genitálias
- 3 - A nudez e sua potência desumanizante, banalizadora e exibicionista
- 4 - A individualização e sujeitificação da sexuação
- 5 - As eco-cosmologias sexo-afetivas

Não há mais o corpo como matéria única e objetiva. Seria agora o corpo um conjunto de plug-ins como celulares, relógios, óculos e porque não: dildos, camisinhas e cordas. O corpo não mais é e sim cria, logo o desejo sexual não mais é inerentes - a partir da desestruturação dos esquemas formais, o essencialismo fora posto em cheque pela afirmativa de que "nada é natural, tudo é construído". Seria então, o corpo capaz de sexualizar, sexualizar-se e desfazer ambos os processos, como quando da hipersexualização de corpos marginais ou até

*Performance
sEXUS por
Quimera Rosa*



mesmo da realocação da genitália.

A genitália, a partir de então, não ocupa mais o centro referencial da sexualidade e da sexuação e torna-se mais um órgão ou ainda mais, uma ferramenta interlocutora de mensagens, um objeto a ser investigado, modificado e reinventado seus usos. Como centralizadora dos questionamentos morais da sexualidade, redescobre-se arma, assim como o corpo se redescobre campo de batalha. Como as lésbicas butchs, que se tornam impenetráveis. Como os corpos trans* que modificam suas genitálias. Como os corpos assexuados que deletam o que antes seria a função principal do genital. Ou mesmo traficantes que descobrem no genital um local de transporte. Ainda mais, o ânus como uma genitália, as axilas como uma genitália, a boca como uma genitália, uma cenoura como uma genitália.

A banalização da genitália, sua desmoralização e deslocamentos acessa a permissividade do corpo nu e selvagem, campo aberto à inscrição de códigos possíveis e práticas permeadas por subersividades e tensionamentos afetivo-políticos. O corpo nu, como principal acionador de afetações, subjetificações e excitações também mas não somete sexuais. O



corpo nu dessexualizado torna-se então animalesco, primitivista, ou melhor: originário. O corpo passa então a plataforma e a nudez não mais o vazio no corpo e sim a totalidade de sua existência, o descamar de nossas identidades o ponto auge de nossas inflamações e sensibilidades. O corpo nu é uma urgência, um grito por descolonização, um pedido de releitura. A nudez passa também a ser uma vestimenta. Um corpo vestido de nu que pode sair-se, um corpo vestido de nu para chamar a atenção aos nossos condicionamentos e localizações políticas. O corpo vestido de nu, o corpo despido de códigos, exhibe suas fragilidades. O corpo negro nu que questiona, o corpo feminino nu que tensiona, o corpo gordo nu que se coloca. O corpo nu que não é e sim está por ser uma possibilidade de movimento, uma tática de guerra.

Guerra dos nossos corpos com nossos corpos, guerras de identidade e identificação, guerras interiores, transas solitárias. O sexo não mais como um ato. A sexuação como uma ficção heterocentrada obrigatória a todos os corpos. A sexuação como um momento estendido de prazer entre corpos. O ato sexual

sem ato, sem tato, sem toque. O tesão intelectual, o sexo entre pessoas com diversidade funcional, o ato sexual que não prevê a ejaculação como ponto auge, principal e final e reformula o orgasmo. O BDSM como sexo que não se utiliza dos códigos hegemônicos de sexuação. O prazer da dor, o prazer fora do sexo. A excitação como potência criativa. O sexo como performatividade, a criação de outras possibilidades de sexuação sem o objetivo reprodutor ou heterocentrado. Cócegas como sexo e a exaustão da risada como orgasmo. A destruição da ficção romântica pela possibilidade de prazeres coletivos e não individualizados. O prazer dx outrx como acionador e todos os brinquedos sexuais que permitem-se personalizar.

O sujeitificação do dildo e todos os membros do corpo como possíveis dildos. Escatologia, autopenetração, masturbação mental, sexo virtual e tudo que nos traz prazer como ato sexual em si. O esvaziamento da sexuação e sua distribuição em todas as práticas

vivenciais. O prazer orgásmico de cozinhar ou o mesmo dedo que digita um texto e toca siririca com o mesmo tesão. O sexo não é mais somente sexo e sim, o sexo está por ser feito em todas as partes e ser descoberto em diversos prazeres.

E finalmente, o sexo coletivo. O sexo com as coisas. O sexo com a natureza. O sexo na lama. Uma oficina para novas práticas sexuais entre corpos dissidentes se faz na prática. Nada a se criar, tudo a se descobrir. O sexo não binário. Uma mulher que introduz todo o punho no ânus de seu companheiro



*Foto-Performance: Ejercicio Democrático
por Missogina*

homem, seria essa uma relação heterossexual? O sexo lésbico entre uma mulher trans e uma mulher cis. E acima de tudo, o sexo como força motora de revolução e revolta. Sexologias rebeldes que escolhem lugares públicos para se explorar. Comunidades que transam entre si como forma de afetação e afinamento político. A não obrigatoriedade da relação sexual entre parcerias afetivas. Namoradxs que não transam. A pegação que não tem como fim a penetração. Ou até mesmo a penetração de um dildo, seja ele de borracha ou que pulse sangue vivo, no buraco do umbigo. O ato sexual como chamariz para nossas relações de afetação com o meio em que vivemos. Corpos



Performance Macaquinhos

dissidentes condenados à solidão, que quando se juntam em manada transam entre si e não querem saber de relações hegemônicas e compromissos heterocentrados ou religiosos. Seria antes o terço ou o crucifixo mais um brinquedo sexual. Os rituais de fertilização da terra, o selvagem feminino em detrimento do sagrado. La pocha nostra és rebelde. Gozar com os vulcões em erupção, ejaculação ambivalente de destruição e construção da buceta mãe terra. A menstruação como fertilizante, a placenta que alimenta, o grande rito celta de acasalamento da semente com a terra assim como os rituais de plantio de nossas culturas originárias.

Termino assim, não delimitando e sim abrindo, ou melhor, dilatando os códigos do pornô para que outras vivências de desejo sejam permitidas.